

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROSA SAYUMI KASHIWAGI TAKATSUKI

**A CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO**

MATINHOS

2012

ROSA SAYUMI KASHIWAGI TAKATSUKI

## **A CONTRIBUIÇÃO DO TURISMO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

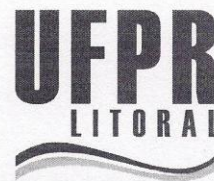
Orientadora: Prof<sup>a</sup> MSc. Elizabete Sayuri Kushano

MATINHOS

2012



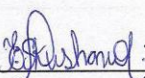
Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
UFPR Litoral  
Curso de Especialização em Questão Social  
pela Perspectiva Interdisciplinar

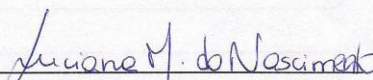


## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO


Os membros da Banca Examinadora designada pela Orientadora, Professora Mestre **ELIZABETE SAYURI KUSHANO**, realizaram em 15/12/2012 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do estudante **ROSA SAYUMI K. TAKATSUKI**, sob o título "*A contribuição do turismo pedagógico na formação do cidadão.*", para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo o estudante recebido conceito "APL".

Matinhos, 15 de dezembro de 2012.

  
Profª. MSc. Elizabeth Sayuri Kushano

  
Prof. MSc. Luciana Monteiro do Nascimento

  
Prof. MSc. Celso Maciel de Meira

  
ROSA SAYUMI K. TAKATSUKI  
Estudante

LEGENDA DE CONCEITOS	APL = Aprendizagem Plena	APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
	AS = Aprendizagem Suficiente	AI = Aprendizagem Insuficiente

### OBSERVAÇÃO:

CASO O(A) ESTUDANTE SEJA ORIENTADO(A) A REFORMULAR SEU TRABALHO, DEVE-SE REGISTRAR NO VERSO OS REQUISITOS APONTADOS PELA BANCA PARA O ACEITE FINAL DO TRABALHO.



## A contribuição do turismo pedagógico na formação do cidadão

*Rosa Sayumi Kashiwagi Takatsuki<sup>1</sup>*

*Elizabete Sayuri Kushano<sup>2</sup>*

### **RESUMO:**

Este trabalho visou um aprofundamento da compreensão do turismo pedagógico enquanto ferramenta inovadora no processo do ensino-aprendizagem, capaz de contribuir com a educação ambiental e, investigou qual a importância do mesmo para a formação do cidadão. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre a história do turismo no mundo e no Brasil, além de conceitos sobre turismo, e, sobretudo, aspectos da teoria e prática do turismo pedagógico. Os resultados demonstraram que o turismo pedagógico pode contribuir para a formação do cidadão, de forma a ter um sujeito mais consciente do seu meio, bem como de suas relações sociais.

**PALAVRAS-CHAVES:** turismo pedagógico; educação; formação do cidadão.

### **ABSTRACT**

This study aimed deepening the understanding about pedagogical tourism as an innovative tool in the process of teaching and learning, being able to contribute to environmental education, and also investigated the importance of it for the training of citizens. A literature search on the history of tourism in the world and Brazil was performed, as well as concepts about tourism, and above all, aspects of the theory and practice of pedagogical tourism. The results showed that pedagogical tourism can contribute to the shaping of citizens in order to have a subject more aware of their environment and social relationships.

**KEY WORDS:** Pedagogical tourism; education; shaping of citizen.

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Turismo pela UFPR. Servidora da Prefeitura de Curitiba

<sup>2</sup> Bacharelado em Turismo (UFPR). Mestrado em Cultura e Turismo (UESC) e Doutoranda em Geografia (UFPR). Professora da UFPR Setor Litoral.

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa baseia-se no estudo do segmento do turismo pedagógico, por meio de sua contextualização histórica e da importância que ele possui no processo do aprendizado, além da sua inter-relação com a educação ambiental e a valorização cultural e patrimonial.

A primeira vista buscou-se realizar a contextualização histórica do turismo, iniciando nos seus primórdios, na Idade Antiga até os dias atuais. Seguiu-se de uma abordagem do turismo no Brasil, e sua evolução histórica.

Na sequência do trabalho elaborou-se um tópico explanando sobre a segmentação de mercado do turismo e o surgimento do turismo pedagógico.

Foi dedicado um tópico para apresentar os diversos conceitos e significados do turismo. Abordando o turismo como fenômeno social e econômico, capaz de satisfazer desejos e vontades, proporcionando momentos de lazer e escape da rotina. Também, abordou-se a concepção do turismo como “indústria” e pacificador dos povos.

No quinto tópico comentou-se sobre o turismo pedagógico, suas primeiras manifestações através dos “estudos do meio”, bem como de sua aplicação no processo de ensino-aprendizagem.

O sexto tópico é dedicado à participação do turismo pedagógico no processo de conhecer a si mesmo e de que forma este pode influenciar na formação do cidadão.

Nesta perspectiva o presente artigo, de cunho bibliográfico, de corte longitudinal, analisa o turismo pedagógico como ferramenta educacional e de incentivo a educação ambiental, e reflete sobre a importância do mesmo na formação do cidadão.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO TURISMO

Segundo Ignarra (2003), o turismo é um fenômeno que se iniciou na Antiguidade, a partir do momento em que o homem, empreendeu viagens no intuito de comercializar suas produções. Muitos povos da antiguidade - babilônios, fenícios, romanos - realizavam viagens religiosas, de saúde de esporte. Segundo Rejowski (2005), na Grécia Antiga, onde as viagens eram frequentes, tem-se registros feitos por Heródoto, geógrafo e historiador, que pode ser considerado um dos primeiros “turistas”. Heródoto em suas viagens interessava-se pelos costumes locais, crenças e técnicas de produção. Seus registros tornaram-se importante fonte de dados histórico-geográficos, verdadeiros guias de viagens da época (SIGAUX *apud* REJOWSKI, 2005).

Durante a Idade Média a maioria das viagens tinha motivação religiosa o que resultava nas peregrinações. Todavia, em comparação com a Antiguidade, há um decréscimo nas viagens; isso se deveu à insegurança ocasionada por assaltos e a violência por ações de bandidos (IGNARRA, 2003). Também, segundo Ignarra (2003), nessa época se inicia o turismo de jovens de famílias nobres, que eram mandados para estudar no Europa; estes seriam o prenúncio dos intercâmbios culturais.

Na Idade Moderna, com o Renascimento e o surgimento das universidades, iniciam-se o *petit tour*<sup>3</sup> e o *grand tour*<sup>4</sup>, ambos consistiam em rotas que conduziam a cidades e lugares famosos (Roma, Florença, Nápoles e Veneza), o *Grand tour* popularizou-se e mais tarde, século XVII e XVIII, tornou-se moda entre as famílias ricas inglesas (REJOWSKI, 2005). Os viajantes eram jovens solteiros, (economicamente privilegiados) na faixa dos vinte anos, e sem essas viagens a educação não estaria completa. Portanto apesar de ser um público selecionado, pode se considerar que essas viagens tornaram-se as precursoras do turismo pedagógico (REJOWSKI, 2005).

De acordo com Witney *apud* Rejowski (2005), em 1841, Thomas Cook, um jovem inglês pregador batista, organiza o que seria a primeira excursão de trem. Na

---

<sup>3</sup> **Petit tour**: circuito de viagens pela Europa que incluíam Paris e o sudoeste da França; (REJOWSKI, 2005).

<sup>4</sup> **Grand tour**: roteiro que abrangia além de Paris, cidades da sul e sudoeste da França e cidades da Itália como, Borgonha, Roma, Florença, Nápoles e Veneza; (REJOWSKI, 2005).

época, o custo das passagens era alto, Cook consegue persuadir os donos da companhia férrea Midland Counties a baratear a viagem de ida e volta para 570 pessoas, para apenas um xelim<sup>5</sup> por pessoa, com inclusão de um lanche e lazer (dança e jogo de críquete). A viagem foi um sucesso, e assim após realizar mais algumas excursões em anos subsequentes, estabelece-se como agente de viagens. O que nos chama atenção em Cook é sua preocupação social ampla, no que condiz a tornar o turismo acessível a todas as camadas, pois para ele, ricos e pobres, todos tinham o direito de viajar (REJOWSKI, 2005)

De acordo com Ignarra (2003), no Brasil o desenvolvimento do turismo iniciou por volta do século XIX, após a chegada da Corte Portuguesa. Há um grande desenvolvimento urbano na cidade de Rio de Janeiro, devido à nova demanda por hospedagem ocasionada pelas visitas de diplomatas e comerciantes. Ignarra (2003) comenta que com a incrementação dos transportes a vapor, em meados do século, inicia-se a formação da estrutura da hotelaria e gradativamente as viagens de trem melhoram os seus deslocamentos.

Vemos em Rejowski (2005) que é a partir de 1870 que surgem meios de hospedagem em São Paulo e no Rio de Janeiro. O início do século é marcado por uma retomada ao turismo de saúde, a busca das termas e estâncias hidrominerais.

Criam-se as primeiras companhias aéreas nos anos de 1930: Varig, Panair e a Vasp, por essa época surge o cassinismo<sup>6</sup>, ou seja, os cassinos além de oferecerem um local para jogos de azar, também apresentavam atrações internacionais e era ainda um ponto de encontro da elite da época (REJOWSKI, 2005). Este se prolonga até o ano de 1946, quando o Presidente Dutra, proíbe os jogos de azar no país. É no final desta década, 1948, que os trabalhadores têm acesso ao lazer e turismo com a construção da primeira colônia de férias do a SESC – Serviço Social do Comércio, no litoral de São Paulo (REJOWSKI, 2005).

Os anos 50 são marcados pela consolidação da classe média, é inaugurado o primeiro canal de televisão, a hotelaria nacional está mais estruturada e o turismo começa a despontar nos jornais e revistas (REJOWSKI, 2005). As agências de viagens ganham mais espaço, unem-se e fundam a ABAV – Associação Brasileira

---

<sup>5</sup> **Xelim:** Moeda divisionária inglesa; equivalente a vigésima parte da libra, até a reforma monetária que se realizou em 1971, na Grã-Bretanha. (<http://www.dicio.com.br/xelim/>).

<sup>6</sup> **Cassinismo:** Vertente turística que ocorreu no Brasil a partir de 1910 a 1946, turismo de estada que visava o tratamento da saúde, o cassinismo surgiu como forma de entretenimento para estes viajantes na forma de jogos de azar e espetáculos artísticos. (REJOWSKI, 2005)

dos Agentes de Viagens. O governo federal percebendo a organização dos empresários do setor cria a Comissão Brasileira de Turismo (REJOWSKI, 2005). Após a extinção desta comissão e da criação de outras, temos finalmente em 1966, a criação da EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo.

O clima eufórico dos anos 70 é substituído por um período de estagnação dos anos 80, no entanto há um progresso por parte do poder público que reconhece que a atividade turística vai além de investimentos na rede hoteleira (REJOWSKI, 2005). Os acontecimentos que se sucedem não concretizam as previsões da época, mas apesar disso: “o turismo passou a ser visto como uma atividade séria e profissional, que não traz soluções imediatas para os problemas estruturais, principalmente econômicos.” (REJOWSKI, 2005, p.126) Trata-se de um avanço do turismo da sua condição de amadorismo rumo a sua regulamentação.

Como menciona CRUZ (2001):

A valorização da atividade turística no Brasil, a partir da década de 1990, resulta de diversos fatores conjugados, como o crescente significado potencialidade natural turística do país; a disponibilização de capitais estrangeiros para financiamento de projetos e os posicionamentos público e privado favoráveis ao desenvolvimento da atividade. Um marco nessa mudança é a Política Nacional de Turismo, instituída durante o primeiro mandato do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-98). (CRUZ, 2001, p.10).

A Política Nacional do Turismo vem no intuito de descentralizar a atividade turística através do fortalecimento dos órgãos estaduais e promover a municipalização do turismo – Programa Nacional de Municipalização do Turismo - PNMT, bem como, melhorar a qualidade dos meios de hospedagem e qualificação dos recursos humanos (BOLSON, PIRES e BAHIA, 2004). Posteriormente este programa é superado pelo Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, este programa possibilitava que as esferas municipais e regionais se integrassem mais, ampliando assim, seu espaço produtivo. Rejowski (2005) analisa que, no início dos anos 90, após uma retraída no turismo internacional, a partir de 1996, inicia-se uma recuperação nas viagens internacionais. Vários fatores contribuíram para isso: economia estável, fortalecimento da moeda, crediário facilitado e pacotes turísticos acessíveis. Essa situação começa a mudar no final da década, em 1999, devido ao desenvolvimento nos meios de hospedagem e ao barateamento das passagens aéreas. Além disso, o poder público lança programas

para a consolidação do turismo doméstico. (REJOWSKI, 2005) Uma estratégia utilizada para impulsionar o desenvolvimento do Programa de Regionalização e diversificar a oferta turística foi o Salão do Turismo – Roteiros do Brasil, considerado, ao longo de suas edições, uma ferramenta fundamental para promoção da diversidade turística do Brasil.(MINISTÉRIO DO TURISMO, 2013)

Rejowski (2005) também menciona que por volta de meados da década de 1990, inicia-se um movimento de resgate do patrimônio e da cultura, incitado pelo tombamento de várias cidades brasileiras como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO: Ouro Preto e Diamantina, em Minas Gerais, Olinda, em Pernambuco e Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul. Além da viabilidade de suprir a uma nova demanda turística.

Grande parte dos bens culturais foi preservada pelo turismo, contribuindo assim para conservação de patrimônios da memória nacional. Após galgar vários patamares, o turismo brasileiro vem caminhando para uma estruturação baseada na preservação, amparada pelos dois setores, público e privado. Beni, 2004, define o turismo como "instrumento que serve de veículo à reabilitação das culturas, contribuindo em grande medida para sua difusão mundial" (BENI, 2004, P.90). No entanto, no tocante a sustentabilidade do turismo o uso indiscriminado destes espaços comprometem a capacidade de carga física.

### **3. TURISMO: CONCEITOS E SIGNIFICADOS**

Segundo Beni (2001), o turismo como atividade econômica abarca toda gama de serviços oferecidos ao viajante; estuda o comportamento econômico tanto dos viajantes como das empresas e do setor público, analisa também a distribuição dos recursos existentes para melhoria do produto turístico.

Beni (2001) também coloca que o turismo acontece na esfera do econômico, mas tem repercussões imediatas no âmbito social, pois:

A conjuntura econômica é condicionante permanente de sua evolução, tanto na ordem micro quanto na macroeconômica. Se o aspecto social, que de certo modo o configura, tem fundamental importância para o sujeito da ação e pelos fins sociais que o motivam, desde o momento em que o turista

está obrigado a submeter-se à situação econômica, tanto pessoal quanto nacional (...), o fenômeno há de ser considerado nesta classe de modelo. O turismo é manifestação e contínua atividade produtiva, geradora de renda, que se acha submetida a todas as leis econômicas que atuam nos demais ramos e setores industriais ou de produção. (BENI, 2001, p.65).

Segundo Cruz (2001) o turismo destaca-se por ser a única atividade econômica em que consumir o espaço constitui-se em sua razão de ser. Deste modo, “para nenhuma outra atividade econômica a porção visível do espaço geográfico - a paisagem – é tão relevante. A partir disto, temos o significado da preservação do patrimônio natural e cultural do país para o turismo” (CRUZ, 2001, p.57) Mesmo que isto signifique preservar o espaço apenas para os olhos do turista, isto reverterá em benefícios para a localidade, a cultura e a economia.

Muitas são as conceituações de turismo, segundo Krippendorf (2001) o turismo é uma necessidade, pois:

Se não existisse o turismo, o cúmplice da evasão seria necessário construir clínicas e sanatórios, para que o ser humano se recuperasse desse cansaço. O turismo funciona como terapia da sociedade, como válvula que faz manter o funcionamento do mundo de todos os dias. Ele exerce um efeito estabilizador não apenas sobre o indivíduo, mas também sobre toda a sociedade e a economia. (KRIPPENDORF, 2001, p.16)

O turismo caracteriza-se pela busca da satisfação de vários desejos: conhecer novas paisagens, apreciar o belo, da aventura, do contato com a natureza, do conhecimento, do intercâmbio intercultural, entre outras. Segundo Ansarah (2000):

Tendo crescido consideravelmente nas últimas décadas do século XX, o turismo originou novas áreas do conhecimento que estão se estruturando como teoria (entretenimento, meio ambiente, serviços em geral) e conectou-se com outras áreas por meio das quais recebe e transmite influências cada vez mais significativas. Mais do que transdisciplinar, o turismo torna-se um campo de intersecção de saberes e de procedimentos entre várias ciências. (ANSARAH, 2000, p.9).

Para Hora e Cavalcanti (2003, p. 209) a “[...] grande parte do material escrito sobre turismo começa e não raro termina com a afirmação de que se trata de uma indústria, por que movimenta dinheiro e renda, o que é inegável, porém isso diz muito pouco”. A concepção de o turismo ser uma ‘indústria’ nos remete ao

mercantilismo, onde o produto turístico é produzido, comercializado e consumido. Essa visão do turismo está bem aquém de atender as expectativas da sustentabilidade ambiental e patrimonial atuais.

É como salienta Dias (2003):

O impacto ambiental da atividade turística durante muito tempo foi considerado secundário, a ponto de ser ela conhecida como 'a indústria não poluente'. Essa visão equivocada foi superada radicalmente pela perspectiva de que é uma atividade que deve ser monitorada constantemente, pois é altamente consumidora dos recursos naturais, deles dependendo cada vez mais, à medida que cresce a consciência ambiental das diferentes populações, que passam a incorporar o meio ambiente saudável como um dos componentes fundamentais de melhor qualidade de vida. (DIAS, 2003, p.61)

Portanto, muito há que se pensar e fazer, no sentido de estabelecer um turismo sustentável, conforme salientado, pelo mesmo autor:

O desenvolvimento turístico deverá fundamentar-se sobre critérios de sustentabilidade, ou seja, preservar o ecossistema em longo prazo se torna viável economicamente e ser equitativo do ponto de vista ético e social para as comunidades locais. (DIAS, 2003, p.79)

O turismo, numa acepção mais ampla no tocante a humanização visa atender as preocupações atuais de preservação, igualdade e proatividade. Além da grande missão de disseminador da tolerância, tão comentada e tão necessária para a convivência harmoniosa entre os povos.

Nesse sentido consta no Código de Ética Mundial para o Turismo, artigo 2º, parágrafo 1º que:

O turismo, que é uma atividade geralmente associada ao descanso, à diversão, ao esporte e ao acesso a cultura e a natureza, deve conceber-se e praticar-se como um meio privilegiado de desenvolvimento individual e coletivo. Considerando-se a abertura de espírito necessária, é um fator insubstituível de autoeducação, tolerância mútua e aprendizagem das legítimas diferenças entre os povos, culturas e suas diversidades. (OMT, 2000)

Também consta no Código de Ética Mundial para o Turismo (2000), em seu preâmbulo que “graças ao contato direto, espontâneo e imediato que permite entre homens e mulheres de culturas e formas de vida diferentes, o turismo é uma força viva ao serviço da paz e um fator de amizade e compreensão entre os povos.”

Krippendorf (2001), não compartilha dessa opinião, pois afirma praticamente não conhecer experiências ou exemplos positivos. Considera que "na maioria dos casos, o encontro segue a lógica de um clichê, é artificial e enganador." (KRIPPENDORF, 2001, p.83). Para o autor os sentimentos de superioridade e inferioridade podem aflorar dificultando assim as relações entre turistas e o povo residente.

No entanto, Dias comenta que:

Na realidade, o turismo cumpre o papel maior de humanizar o relacionamento global dos indivíduos que habitam o planeta, à medida que se intensificam as interações sociais e descobrem-se costumes e hábitos que até então eram estranhos e que com o contato passaram, gradativamente, a ser apenas diferentes, fazendo parte desse enorme e complexo contingente humano que domina o mundo conhecido. Portanto, a razão de ser do turismo, a busca do exótico, do diferente, nada mais é que a busca do homem por conhecer a si mesmo. (DIAS, 2003, p.30 e 31)

É exatamente nesta busca de si que, através do turismo descobrimos como somos tão "diferentes" e ao mesmo tempo tão parecidos. Todos, partes pertencentes deste mesmo conjunto chamado humanidade. Esta reflexão tão importante vem a ser um dos atributos principais do turismo, que desempenha a função de mediador na compreensão de conteúdos e contextos dentro do processo de ensino aprendizagem.

#### **4. SEGMENTAÇÃO DE MERCADO NO TURISMO**

Com as mudanças do comportamento do consumidor de turismo, evidenciam-se novas motivações das viagens gerando assim novas tendências que o mercado buscará satisfazer. Ansarah (2000) comenta que com o aumento da demanda turística na atualidade, faz-se necessário, para um melhor atendimento das ansiedades e necessidades do consumidor a segmentação de mercado.

Segundo Beni:

A melhor maneira de estudar o mercado turístico é por meio da segmentação, que é a técnica estatística que permite decompor a

população em grupos homogêneos, (...) cada uma com seus próprios canais de distribuição, motivações diferentes e outros fatores. Essa segmentação possibilita o conhecimento dos principais destinos geográficos e tipos de transporte, da composição demográfica dos turistas, como faixa etária e ciclo de vida, nível econômico ou de renda, incluindo a elasticidade-preço da oferta e da demanda, e da sua situação social, como escolaridade, ocupação, estado civil e estilo de vida. (BENI, 2004, p.153).

É constatado pelo Ministério do Turismo, 2010, que ao conhecer melhor os segmentos, percebem-se:

Tendências de consumo como oportunidades de valorizar a diversidade e as particularidades do Brasil. Por isso, propõe a segmentação como uma estratégia para a estruturação e comercialização de destinos e roteiros turísticos brasileiros. Assim, para que a segmentação do turismo seja efetiva, é necessário conhecer profundamente as características do destino: a oferta (atrativos, infraestrutura, serviços e produtos turísticos) e a demanda (as especificidades dos grupos de turistas que já o visitam o que virão a visita-lo). (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 6).

Para Hora e Cavalcanti (2003), a compreensão do mercado através da segmentação possui uma amplitude maior, pois:

Alguns segmentos da atividade (turística) são muito mais do que um simples mecanismo para enfrentar a concorrência; seriam, na verdade, uma reação natural provocada pela globalização em contraposição ao turismo de massas, construindo uma espécie de ideologia local. (HORA e CAVALCANTI, 2003, p.218).

Segundo Kushano, Ávila e Amaral Silva (2008), as demandas do mercado turístico podem ser melhor planejadas quando utilizando-se dos critérios dos segmentos, pois:

A segmentação surge como uma importante ferramenta para conquistar, criar necessidades e desejos no cliente. Nesse sentido, as empresas, as organizações e instituições tanto públicas como privadas, ligadas à atividade turística, estão buscando caminhos que atendam aos mais variados públicos, muitas vezes utilizam-se do conceito e das características da segmentação de mercado. (...) Para atender as necessidades específicas, o mercado turístico vem se segmentando cada vez mais, formatando novos tipos de turismo, criando roteiros temáticos, adaptando produtos e serviços de acordo com as especificidades, desejos, limitações e necessidades dos clientes turistas. (KUSHANO; ÁVILA; AMARAL SILVA, 2008, p.106).

Existem muitos critérios para segmentar um determinado mercado, podendo categorizar os consumidores de acordo com as questões geográficas, demográficas e socioeconômicas (idade e gênero, estado civil, renda, ciclo de vida, ocupação, formação e nível educacional), psicográficas (estilo de vida, personalidade, preferências, valores das pessoas), padrões de comportamento e padrões de consumo e predisposição do consumidor (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Podemos citar os principais segmentos do turismo no Brasil: social, cultural, ecoturismo, estudos e intercâmbio, rural, náutico, esportes, aventura, negócios e eventos, pesca, sol e praia e saúde (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006).

Dentro do segmento estudos, temos o turismo pedagógico, que possui raízes no *Grand Tour*, fluxo turístico que ocorreu na Europa do século XVII e XVIII. Essa modalidade de turismo surge como opção para o método de ensino e aprendizagem não formal<sup>7</sup>, pois segundo Pelizzer:

A tendência do turismo pedagógico enquadra-se na percepção da potencialidade do turismo como processo informal da educação, (...). O turismo responde a uma necessidade de as escolas mudarem seu posicionamento, sendo um eficiente canal para a educação informal<sup>8</sup> e não formal. (PELIZZER, 2004, p.54)

Soma-se ao exposto a proposta de educação formal. Assim, o turismo pedagógico insere-se neste contexto a partir da necessidade das escolas de realizar um estudo de campo de cunho educativo para ilustrar os conteúdos do ensino aprendizagem.

---

<sup>7</sup> **Educação não formal:** obedece a uma estrutura e a uma organização, distintas, porém das escolas, pode levar a uma certificação, embora não tenha esta finalidade. **Educação informal:** abrange todas as possibilidades de aprendizagem no decurso da vida do indivíduo, acontece em ambientes espontâneos (casa, clube, igreja, rua), sendo um processo permanente e não organizado. **Educação formal:** organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas instituições de ensino (colégios, universidades, etc.), resulta na efetiva certificação (AFONSO *apud* CARNICEL, 2005, p.48).

## 5. TURISMO PEDAGÓGICO: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Muito se tem falado em educação ambiental e sobre a necessidade de uma reformulação do ensino nas escolas. Para Gadotti (2000, p.87), “a educação, concebida não como escolarização, esta pode e deve ter um peso na luta pela sustentabilidade econômica, política e social”.

O turismo pedagógico atende a estas expectativas, pois conforme considera Piza *apud* Pelizzer<sup>9</sup> (2004, p.55) “isso nos fez conceber o Turismo pedagógico como centro de interesse e alternativa no processo de educação informal, formatando um produto que inova a formação e o estudo do meio, mediante uma série de técnicas a ser aplicada”.

A origem do turismo pedagógico está no “estudo do meio” o qual é comentado por Piza *apud* Pires (2002, p.187) como “programas de viagem especialmente preparados para ser usados como processo pedagógico pelos colégios (...)”. A partir do estudo do meio o aluno experimenta na prática com menor resistência, aquele conteúdo que lhe parecia tão distante e intransponível. Algo que existia somente no interior dos livros e da sala de aula, se materializa enquanto vivencia tudo com exemplos concretos e palpáveis, durante o momento da viagem.

Pelizzer (2004, p.54) relata que “as primeiras experiências precursoras para o estudo do meio datam da década de 1960 e têm como idealizador o professor Domingos de Toledo Piza, que iniciou as suas atividades com o apoio de uma empresa aérea nacional.” Essas viagens de estudo do meio de Piza tinham como destino as cidades históricas de Minas Gerais e tratava-se de “uma conjunção dos serviços de viagem e de operacionalização de roteiros turísticos e as necessidades curriculares de algumas escolas de elite, públicas e privadas, da cidade de São Paulo”. (PIRES, 2002, p.187) Apesar de originalmente ter servido quase que exclusivamente a escolas particulares, o pioneirismo de Piza não deixa de ser louvável e precursor das várias instituições, sejam de âmbitos públicos ou privados, que nos dias de hoje se utilizam desta ferramenta pedagógica.

---

<sup>8</sup> PIZA, Domingos de Toledo. Experiências pessoais no campo educativo: educação para a democracia e formação do cidadão. In: Turismo em Análise. São Paulo: ECA-USP. V.3, n.1, p.72. 1982.

De acordo com Andriolo e Faustino (2002, p.165) “o turismo pedagógico seria o que serve às escolas em suas atividades educativas que envolvem viagens. Não obstante possuir momentos de lazer, não é realizado com este fim” Diferente das práticas de turismo convencional, que tem basicamente no lazer o seu propósito, no turismo pedagógico precisa-se de muito mais. (ANDRIOLO E FAUSTINO, 2002).

Por essa interação turista (aluno) ser mais profunda que em uma viagem meramente turística, se faz necessária, um planejamento prévio da viagem, pois o que será visto na visitação será trabalhado num tempo anterior a mesma, visto que os professores elaboram vários temas a serem comentados durante a viagem e posteriormente serão trabalhados em sala de aula. O aluno interage com a comunidade local através de: entrevistas, conversas, perguntas aos outros (professores, monitores, etc.), perguntas aos objetos (descobrir qual a função de tal objeto? Que outro objeto o substituiu?) e perguntas a si mesmos (imaginar-se vivendo no local). (ANDRIOLO E FAUSTINO, 2002, p.172)

Segundo Kushano (2012) o turismo extrapola a esfera escolar, pois é praticado também em associações, clubes, escolas de idiomas, entre outro, por pessoas de diferentes faixas etárias. Isso demonstra o quão abrangente é este turismo e quanto se presta a diversos grupos sociais dentro do nossa sociedade.

Para Ansarah (2005), além da possibilidade de adquirir o conhecimento, essa forma de turismo proporciona um crescimento ao ser humano:

Um segmento que está crescendo no Brasil é o turismo pedagógico, o qual envolve atividades voltadas à educação, ao aprendizado, ao conhecimento de ‘algo’ que possa acrescentar ao turista, isto é, que possibilite a ele ter uma visão da realidade. E esse segmento requer atenção e profissionalismo por parte de seus planejadores. A viagem de estudo tem a capacidade de promover o desenvolvimento humano, social e educacional, podendo servir ao ensino. (ANSARAH, 2005, p.293).

Da mesma forma, Hora e Cavalcanti (2003) nos coloca a capacidade do turismo pedagógico transpor o consumismo do turismo convencional:

É justamente a capacidade de promover o desenvolvimento humano, social e educacional, que baliza a utilização do turismo com atividade que serve ao ensino. Nesse sentido, pode-se pensar numa nova concepção de turismo que amplia o espaço de celebração de consumo turístico em espaço de educação extraclasse, contribuindo dessa forma, para a realização de uma grande meta: pedagógica. (HORA e CAVALCANTI, 2003, p.208).

Dentro desta perspectiva, segundo Kushano (2012) menciona que o turismo pedagógico constitui-se em uma atividade plena, no sentido que possibilita a educação patrimonial, a educação ambiental e a percepção de mundo para as crianças.

Essa percepção de mundo é proporcionada às crianças, pela experiência da aula passeio<sup>10</sup> ou aula das descobertas como idealizou Freinet<sup>11</sup>, é comentado por Sampaio (1996, p.184), ao dizer que: “[...] durante a aula das descobertas surgem momentos nos quais as crianças encontram ocasiões para se desabrocharem, construindo seu conhecimento, situações autênticas nos planos social, intelectual e afetivo.” O turismo pedagógico esta sempre associado as atividades planejadas do ensino por Oliveira (2011):

[...] Mais precisamente, ele (*o turismo pedagógico*<sup>12</sup>) é planejado como uma estratégia de ensino que implica “ir a campo”, “sair para”, conhecer, experienciar, aprender, apreender, transforma-se e transformar. Ora, nessa ótica, a da “aula passeio”, na linha de Freinet, talvez fosse mais apropriado que se operasse uma inversão terminológica, com a qual a atividade fosse denominada “pedagogia pelo turismo”. (OLIVEIRA, 2011, p.51)

Muito há que se comentar sobre o turismo pedagógico ou mesmo sobre uma “pedagogia pelo turismo” como levantado por Oliveira. Mas o que se observa na prática das agências, é que ainda estamos praticamente no mesmo patamar da época em que este turismo se originou, ou seja, continua sendo uma atividade de complementação das grades curriculares de escolas particulares. Os alunos das escolas públicas dificilmente desfrutam de um roteiro pedagógico, por falta de condições financeiras para pagar um serviço especializado de uma agência.

Quando se realizam em escolas públicas viagens pedagógicas, normalmente o ônibus é fornecido pela Secretaria da Educação, o qual deve ser agendado com bastante antecedência. Mas invariavelmente, devido ao horário de devolução dos mesmos, o passeio não pode se estender, ficando, portanto, restrito as imediações do município. Dessa forma esses passeios não podem ser

---

<sup>10</sup> Aula passeio: atividades fora da sala de aula com objetivo de trazer motivação, ação e vida para a escola. (Fonte: <http://www.educacional.com.br/glossariopedagogico/verbete.asp?idPubWiki=9581>)

<sup>11</sup> Celéstin Freinet: (1896-1966), pedagogo francês. (Fonte: <http://www.educacional.com.br/glossario pedagogico/verbete.asp?idPubWiki=9581>)

<sup>12</sup> Nota da pesquisadora.

considerados turismo pedagógico, pois não há um deslocamento para outra localidade, fora do município em que os alunos residem. Como nos coloca Beni, 2004, p.37 “Sem deslocamento não existe Turismo e, ainda que pareça óbvio, para se aprofundar na correta noção deste fenômeno, é necessário colocar em destaque este seu elemento indispensável”.

Embora existam alguns entraves, há que se pensar no turismo como um elemento necessário para o melhor conhecimento do mundo e de si próprio. A busca por interações culturais, o desejo de fundir-se a outros solos, faz do turismo importante ferramenta na preservação de valores culturais e ambientais. Além de fomentar o desenvolvimento sustentável local e regional, desperta no indivíduo para o envolvimento comunitário, agrega valores para gestão participativa e a cidadania.

## **6. CONTRIBUIÇÕES DO TURISMO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO:**

Para Gadotti (2000, p.133) “cidadania é, essencialmente, consciência de direitos e deveres”. Enquanto numa concepção consumista de cidadania, ela pode estar vinculada apenas ao direito de exigir a qualidade em tudo que é bem consumível, o mesmo autor comenta que existe uma concepção plena que “não se limita aos direitos individuais. Ela se manifesta na mobilização da sociedade para a conquista dos direitos mencionados (civis, sociais e políticos) <sup>13</sup>, que devem ser garantidos pelo estado.” (GADOTTI, 2000, p.134) A cidadania plena é algo mais abrangente, pois deve criar um cidadão participativo e exigente de seus direitos assim como atuante em seus deveres.

Lima (2003) afirma que a participação do cidadão pode direcionar para a ação política e social coletiva, agindo como recurso organizador da sociedade. O cidadão participativo atua nas novas formas de desenvolvimento econômico como um dinamizador, nos diversos países em processo de democratização, nos grupos da sociedade civil e dos organismos internacionais, além de auxiliar na edificação da cidadania. A autora comenta que podemos compreender ‘participação’ como

---

<sup>13</sup> Nota da pesquisadora.

“instrumento norteador destas estratégias, como um fenômeno de ação coletiva que na sua efetividade, provoca integração social, e é também uma forma de diálogo entre os habitantes de uma comunidade e seu governo.” (LIMA, 2003, p.14). Trata-se da cidadania onde o sujeito compreende sua importância no mecanismo global.

Mamede (2003) também acrescenta-nos que:

As participações que procuramos que baliza os princípios de um desenvolvimento sustentável, que não se assenta em deveres e direitos ‘decretados’; sua força está na tomada de decisões e na gestão local, participando ativamente nos processos de desenvolvimento. A estratégia da participação permite, assim, que as comunidades superem sua condição de sobrevivência e supressões, passando a ser protagonista do seu próprio bem estar. (MAMEDE, 2003, p.29)

Ser protagonista do seu bem estar é construir novas relações, construir a sua cidadania a partir de vivências dentro e fora do seu meio, desta forma quebrar paradigmas e posturas automatizadas perante a vida.

De acordo com Martins (2003) o turismo faz aflorar no indivíduo, um sentimento de pertencimento e de compreensão do contexto onde vive. O autor comenta sobre como acontece essa interação:

Por mais devassador que o fenômeno do turismo possa parecer no primeiro momento, observa-se que por onde se dá a atividade turística, de uma forma ou de outra se dá o despertar de uma consciência de lugar, de ser local e de um sentimento de orgulho, uma visão de povo por conta dos fenômenos sociais que o turismo desperta ou de ganâncias econômicas ou ainda por que o povo percebeu a necessidade de preservar melhor o lugar para si, que, conseqüentemente, gerará mais ganhos para o homem local e para o turista que sai de seu contexto e vem conhecer o outro e provar um pouco do ‘seu jeito’. (MARTINS, 2003, p.47)

Ao experimentar um “pouco do jeito do outro”, inicia-se um processo de transformação de si que é comentado por Avena (2008) da seguinte forma:

As viagens têm um papel considerável, talvez mesmo imprescindível, em aspectos mais sutis e profundos para cada ser humano. O comportamento dos sujeitos, mediante a confrontação com outros sujeitos, povos, culturas e lugares, pode ser colocado em questionamento e, assim contribuir para uma (trans)formação de si, por meio de atitudes refletidas que permitam um comportamento sustentável (AVENA, 2008, p.77).

Entende-se que a viagem oferece várias oportunidades para reflexões e ressignificações de sua história de vida, atua como coadjuvante no processo de formação através das transformações que se vinculam a experiência intercultural vivida. Avena (2008, p.440) considera que:

A viagem expressa em si mesma uma possibilidade de formação, um espaço sócio-cultural de construção do conhecimento, um movimento multirreferencial, um espaço-tempo de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento, procura ressaltar a relevância da viagem na educação informal e formal, apontando sua intenção educativa e formativa, seu significado na educação, seu valor educativo e as aprendizagens possíveis.

Segundo Illich (1979, p.38) comenta sobre o processo da aprendizagem da seguinte forma:

A maior parte da aprendizagem ocorre casualmente e, mesmo, a maior parte da parte da aprendizagem intencional não é resultado de uma instrução programada. As crianças normais aprendem sua primeira língua casualmente, ainda que mais rapidamente quando seus pais se interessam. A maioria das pessoas que aprendem bem outra língua consegue-no por causa de circunstâncias especiais e não de aprendizagem sequencial. Vão passar algum tempo com seus avós, **viajam** ou se enamoram de um estrangeiro (grifo nosso).

Como ilustrado por Illich (1979) na citação anterior, o turismo pedagógico busca proporcionar esta experiência consolidadora de valores e transformadora de si. A formação do cidadão é um processo dinâmico onde a viagem atua como propulsora da compreensão do global e do seu local. É através desses momentos de descobertas que se inicia um processo de trans (formação) de si, como comentado por Avena anteriormente.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O turismo pedagógico apresenta ainda grandes desafios para conseguir chegar ao ápice do seu reconhecimento como parte fundamental no processo de ensino-aprendizagem atual. Uma barreira a ser superada é o custo operacional, pois este segmento ainda não está ao alcance de todas as camadas sociais. Pelo

fato da origem histórica do turismo pedagógico estar relacionada às viagens realizadas pela nobreza, isto parece ainda refletir na sociedade contemporânea, todavia urge-se mudanças nesta realidade.

Mais do que ser apenas uma ferramenta de aprendizagem, o turismo pedagógico pode atuar como catalizador de saberes no universo da aprendizagem mesclada com a animação das viagens. A percepção do aluno se resignifica e a partir das experiências sensoriais e cognitivas abre-se um novo canal de absorção do conhecimento.

Vivemos agora o momento de o turismo pedagógico alçar voo e assim contribuir para a melhoria da qualidade do ensino em nosso país. Esse turismo tem como característica essencial à participação ativa, a preservação do meio ambiente e o respeito incondicional pelos residentes dos locais visitados. Pois, enquanto não nos integrarmos ao local visitado e ainda mantivermos o arraigado sentimento de estrangeiros dessa realidade, ainda não estaremos empreendendo o turismo sobre as premissas do turismo pedagógico.

O turismo pedagógico promove assim, através da conscientização do espaço histórico, geográfico e cultural, a formação de um cidadão consciente em valorizar e preservar os patrimônios da humanidade. A chave para isso está na humanização da viagem, como contribui Krippendorf (2001) dizendo que é a partir do novo ser humano que conseguiremos humanizar a viagem, ou seja, a partir de “um ser humano que se encontrou e que tomou consciência de sua mobilidade e das razões que o levam a viajar. Que aprendeu a se olhar de frente e a relativizar sua própria existência, encontrando outras culturas” (KRIPPENDORF, 2001, p.184).

A educação ambiental através de viagens, segundo Avena (2008), proporciona momentos de lazer e também é uma atraente ferramenta para a conscientização da preservação ambiental e na fixação de conteúdos escolares. Portanto, é de importância fundamental que as instituições públicas e privadas, a população, os profissionais dos serviços e os futuros profissionais compreendam tanto a importância dessas atividades bem como o que está em jogo considerando os seus aspectos psicossociais, históricos, econômicos e culturais e possam, assim, apoiar-se em conhecimentos amplos, sólidos e aprofundados nos campos das viagens e do turismo.

Ruschmann (1997) menciona que o cidadão turista deve ser estimulado pelo turismo ambiental, através de programas não formais, a uma participação

consciente no sentido de proteger seu meio ambiente durante o ano todo no local que reside e não somente durante as férias, nos locais visitados. Passando a adquirir um sentimento de referenciar e preservar o contexto do outro, do ambiente que não é o seu. Essa integração com a cultura, história e patrimônio do outro, é que proporciona uma melhor concepção sobre a sua própria localidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRIOLO, Arley; FAUSTINO, Evandro. Educação, turismo e cultura. A experiência de estudantes paulistas em Uruçanga. In: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo: desenvolvimento local**. São Paulo, Hucitec, 2002.

ANSARAH, Marilia Gomes dos Reis (org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**. Vol.2, 2ª ed. São Paulo: SENAC, 2000.

ANSARAH, Marilia Gomes dos Reis. **Turismo e Segmentação de Mercado: Novos Segmentos**. In. TRIGO, Luis Gonzaga Godoi. Análises regionais e globais do turismo brasileiro. São Paulo: Roca, 2005.

AVENA, Biagio Mauricio. **Por uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento: itinerários pelos significados e contribuições das viagens à (trans) formação de si**. 516 p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 2001.

BOLSON, Jaisa Gontijo; PIRES, Fabiana; BAHIA, Eduardo Trindade. **Histórico e Análise das Políticas Públicas de Turismo no Brasil – 1930/ 2004 - Estudo de caso Minas Gerais**. VI Encontro Nacional de Turismo. Curitiba, 2004. Disponível em: <http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?ID Conteudo =6792>, Acesso em 22/12/2012.

BRASIL, Ministério do turismo. **Pesquisa anual de Conjuntura Econômica do Turismo**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2012.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo e o Mercado**. 1ª ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br>

/export/sites/default/turismo/o\_ministerio/publicacoes/downloads\_publicacoes/Segmentaxo\_do\_Mercado\_Versxo\_Final\_IMPRESSxO\_.pdf Acesso em 15/01/2013.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Marcos\\_Conceituais.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf). Acesso em 10/01/2013.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Regionalização do Turismo: Programa Nacional de Estruturação de Destinos Turísticos**. Brasília: Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, 2013. Disponível em: <http://consulta.turismo.gov.br/pdf/consultapublica.pdf>. Acesso em 24/02/2013.

CARNICEL, Amarildo. **O Jornal comunitário e a educação não formal: experiências e reflexões**. In: FUSER, Bruno (orgs). Comunicação alternativa: cenários e perspectivas. Campinas: Centro de Memória Unicamp; PUC-CAMP, 2005.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de Turismo e Território**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2001.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do Turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/xelim/> Acesso em 03/12/2012.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. 2 ed. São Paulo : Pioneira Thompson Learning, 2003.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 2ª ed. São Paulo: Vozes, 1973.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2001.

KUSHANO, Elizabete Sayuri. Turismo Pedagógico na Região do Contestado no Estado de Santa Catarina: aprendizados sobre território e poder para as crianças. In: FRAGA, N.C. (org.). **Guerra do Contestado: o massacre insepulto do Brasil**. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

\_\_\_\_\_. ÁVILA, Marco Aurélio; AMARAL SILVA, Tatiana I. **Segmentação de mercado: uma abordagem sobre o turismo em diferentes faixas etárias**. Caderno Virtual de Turismo, vol.8, núm.2. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

LIMA, Simone Oliveira. Cidadania, participação e organização comunitária. In: MARTINS, Clerton (org.) **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MAMEDE, Vera de Matos Dourado. Participação: sejamos capazes de imaginá-la e vive-la. In: MARTINS, Clerton (org.) **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MARTINS, Clerton (org.). **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

OLIVEIRA, Ana Carolina Rodrigues Melo. **Da pedagogia da hospitalidade no turismo ao turismo pedagógico pela hospitalidade**. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Código de Ética Mundial para o Turismo**. Rio Grande do Sul: Fundatec, 2000.

PELIZZER, Hilário Ângelo. Planejamento e gestão da hospitalidade no turismo receptivo. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (coord.). **Planejamento e gestão em turismo de hospitalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. p. 45-73.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do Ecoturismo**. 2ª ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2002.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no Percurso do Tempo**. São Paulo: Aleph. 2005.

RUSCHMANN, Dóris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável**. São Paulo: Papirus, 1997.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker F. A Aula-passeio transformando-se em aulas descobertas. In: ELIAS, Marisa del Cioppo (org.) **Pedagogia Freinet Teoria e Prática**. São Paulo: Papirus, 1996.

Sobre Célestin Freinet: <http://www.educacional.com.br/glossariopedagogico/verbetes.asp?idPubWiki=9581> Acesso em 04/12/2012.

SPINOLA DA HORA, A.S.; CAVALCANTI, K. B. Turismo Pedagógico: conversão e reconversão do olhar. In: REJOWSKI, M.; COSTA, B.K. (orgs.) **Turismo Contemporâneo**: desenvolvimento, estratégia e gestão. São Paulo: Atlas, 2003. p. 207-227.